

# A POPULAÇÃO AFRICANA

## A População Africana no Ensino de Geografia<sup>1</sup>

*Para os companheiros do Fórum África; Bas'Ille Malomalo, Bruno Okoudowa, Saddo Ag Almouloud, Vanderli Salatiel e Irene Izilda da Silva.*

**Rosemberg Ferracini**

### *Resumo*

O presente texto é uma introdução à discussão do tema da população africana no ensino de geografia. Abarca as discussões teórico-metodológicas a respeito da inserção do continente africano nas ciências humanas até a presença em alguns debates como (des) colonização. À guisa de conclusão, direcionamos nossa análise objetivando entender esse continente a partir de suas bases, na perspectiva africanista, diferentemente do olhar colonizador europeu.

*Palavras-chave: população africana – ensino de geografia – (des)colonização – perspectiva africanista.*

### *Resumen*

El presente texto es una introducción de la discusión del tema de la población africana en la enseñanza de la geografía. Pasamos por las discusiones teórico-metodológicas al respecto de la inserción de ese continente en las ciencias humanas hasta la presencia en algunos debates como (des)colonización. A modo de conclusión direcionamos nuestro análisis con la propuesta de entender ese continente a partir de sus bases, en la perspectiva africanista, diferente del mirar colonizador europeo.

---

<sup>1</sup> Parte da pesquisa de doutoramento financiada pelo CNPq, com o título: *A África e suas representações no(s) livro(s) escolares de Geografia no Brasil: de (1890-2003)*, realizada na Universidade de São Paulo entre 2008-2012.

*Palabras clave: población africana - enseñanza de geografía - (des)colonización - perspectiva africanista.*

## Summary

This text is an introduction to the discussion of the issue of the African population in the teaching of geography. We passed theoretical and methodological discussions about the inclusion of Africa in the human sciences and the presence in some debates of the (de)colonization. In conclusion, we direct our analysis to understand the proposal that continent from its bases in Africanist perspective, look different from the European.

*Keywords: african population – the teaching of geography – (des) colonization – african perspective.*

## Introduzindo algumas discussões: África o berço da humanidade

Neste artigo, buscaremos subsidiar o professor e o aluno em sala de aula para o entendimento, interpretação e desenvolvimento do conjunto das relações construídas em relação ao continente africano e seus habitantes, enfocando pontos que consideramos importantes no processo de ensino e aprendizagem na Geografia escolar. Nosso direcionamento será diferente daquele do olhar colonizador já discutido por nós em trabalho anterior (Ferracini, 2010).

Como ponto de partida, lembramos alguns fatos na história da nossa disciplina escolar, por exemplo, o fato de estarmos considerando Geografia escolar toda produção existente que perpassava a discussão da Antiguidade clássica de Estrabão e Heródoto. Outro ponto importante é quando o tunisiano Djait (1982: 115) analisa a *Geografia de Ptolomeu (140 aproximadamente)*, o *Périplo do Mar da Eritreia*<sup>2</sup>, a *Topografia Cristã de Cosmas Indicopleustes (535 aproximadamente)*, obras que apresentam bases sobre a Etiópia, o Chifre Oriental da África, o Egito, a Núbia e o mundo eritreu. Já o historiador senegalês Cheikh Anta Diop (1980:39-70) considera a África o berço da humanidade, sendo um dos defensores da ideia de que o Egito é também parte da África negra. Segundo ele, os habitantes egípcios possuem a mesma dosagem de melanina, medidas osteológicas, grupos sanguíneos, dados culturais e afinidades linguísticas que os demais povos do continente.

Desse modo, levantamos algumas considerações que se podem ajudar a trabalhar o tema da corografia com a descrição dos lugares, as paisagens naturais construídas a partir dos olhares dos viajantes e a concepção da África mãe.

---

<sup>2</sup> Segundo o congolês M'bokolo (2011: 121), a palavra *Etiópia* é de origem grega, e quer dizer a “terra dos negros, queimados pelo sol”, tornando-se o nome do Estado oficial em 1945. Anteriormente, o país era denominado Abissínia, cuja raiz semítica h.b.sh., que se tornou habash em árabe e hubshi em híndi, significa “negro”.

Viajantes estiveram presentes nas terras africanas, registrando rotas, pontuando cidades e demais descrições. Relatos a esse respeito tratam dos pictogramas egípcios acerca da população do entorno dos rios Níger e Nilo, e também do Antigo Testamento bíblico relacionado ao Egito no tempo de Moisés, abarcando a sua conquista árabe até o final do Império Fatímida, a ascensão e queda dos impérios. Entretanto, para esquentar o debate, o historiador Barbosa (2002: 111) chama de “desastre cultural” as teses dos puristas conservadores de matriz bíblica que mantêm a posição evolucionista da ciência. Segundo Barbosa, “há 30 mil anos atrás toda a vastidão do norte da África abrigava enorme bolsão de civilizações negro-africanas, das quais derivariam as civilizações mediterrâneas”. Esse fato se contrapõe às ideias sobre civilização de Wallerstein (1989), já que para determinados povos europeus ou a maioria deles os africanos não eram considerados civilizados. De início, porém, já é possível mostrar algumas formas diferenciadas de como trabalhar o continente africano em sala de aula.

Lembramos que as fontes na Geografia a respeito dos povos africanos são numerosas, como a cartografia e as corografias de *Iliada* e *Odisseia*, que registram dados sobre montanhas e rios. Outro exemplo é o trabalho de Fage (1982:43), segundo o qual “Heródoto, Manetão, Plínio, e alguns outros [...] descreveram algumas poucas viagens através do Saara, ou breves incursões marítimas [...]”. Tem-se uma visão de Geografia no que se refere à Antiguidade clássica, relacionada à visão de espaço, à descrição dos lugares, à relação homem-natureza, a um conhecimento geográfico sistematizado nos acidentes geográficos. Entretanto, isso não significa que não existiram nomes importantes como, por exemplo, em outro momento. Fage (1982: 45) nos traz, nesse sentido, o nome de Ibn Khaldun (1332-1406), um norte-africano nascido em Túnis que escreveu sobre as populações nômades das estepes e desertos, do Mali, Saara, das terras arábicas e da agricultura nela estabelecida e das relações econômicas de outros povos. Nota-se que a nossa disciplina escolar no que tange a África é longa e vasta, oferecendo caminhos e perspectivas diversas ao professor e ao aluno, seja no campo do ensino ou na pesquisa.

### *Berberes, Fulas, Hamitas, Lulus, Tubus e Tuaregues: suas mobilidades*

No que se refere ao tema dos autóctones do continente africano, esses povos estão presentes em 30 milhões de quilômetros quadrados, cobrindo 20,3 % da área total da terra firme do globo. Nesse sentido, lembramos um tema de grande importância no campo do ensino e pesquisa pouco divulgado quando se fala em crescimento demográfico ou na imigração ocasionada por fatores como guerras, catástrofes naturais (a seca prolongada e as grandes chuvas são algumas delas) e ordens de deportação, prisão política e principalmente a escravidão. Há também a migração por parte dos agricultores das regiões tropicais e subtropicais que buscavam novas terras para o desenvolvimento das suas plantações. Por exemplo, do mundo muçulmano aos países cristãos,

aconteciam relações comerciais entre as populações do norte, sul, leste e oeste<sup>3</sup>. Cada uma delas com características distintas no que se refere à circulação de pessoas no continente. Também houve a expansão da civilização magrebiana, os povos e reinos do Chade, Níger, Costa do Marfim, Angola, Chifre da África, Etiópia, Grandes Lagos, Madagascar, além dos criadores de animais como ovelhas, cabras, camelos e carneiros.

Outro fato importante é que a população tinha grandes raízes, passando do Cabo ao Chifre da África, da África Central para a Ocidental, do Níger para a ilha de Madagascar. Esses dados ajudam na discussão sobre a relação entre a Geografia da mobilidade africana e a dos demais continentes. Uma mobilidade compreendida com a aproximação dos fenômenos urbanos, econômicos, políticos e culturais. Essa abordagem leva em conta a distribuição de alimentos, o crescimento natural, a dificuldade de subsistência, a capacidade da terra de produzir alimentos para o homem.

O tema da distribuição da população na África, elemento que se comunica com os anteriores por meio das diversas rotas comerciais, entre as quais de minério e da agricultura. Mas, com o passar dos anos, as negociações comerciais passaram a ser outras. A propagação do universalismo europeu como lema da organização colonial do mundo eurocêntrico começa a entrar em jogo. É nesse momento que entra em cena a hierarquização humana como argumento da retórica do poder de um homem sob o outro.

Durante aproximadamente quatro séculos, parte da população africana foi extraída de seu local e participou da economia comercial no tráfico atlântico. Homens e mulheres, crianças e idosos foram exportados como mercadoria para serem escravizados na América. Para Wallerstein (1989), Alencastro (2000) e Mignolo (2005), o tráfico de humanos a partir da África teria sido um fator primordial para o advento da ordem econômica atlântica do século XVIII. O interesse nesse tipo de comércio orientou os europeus para o Atlântico, por meio de um dispositivo comercial triangular, ligando a Europa, a África e as Américas. Alencastro (2000) nos mostra, dessa forma, registros de 1486 referente à fortaleza construída em 1482 em São Jorge da Mina, quando foi fundada a Casa dos Escravos, ligada ao Departamento Régio integrado e ao Trato da Guiné. Nesse mesmo período, por volta de 1472, tem-se notícia da exportação de africanos para Portugal, o que mostra uma antiga relação comercial entre os dois continentes<sup>4</sup>.

Alencastro (2000) diz também que o escravismo foi um fator primordial para o advento da ordem econômica atlântica do século XVIII. Concordando com a leitura de Wallerstein (1989), podemos notar que a ganância por parte

---

<sup>3</sup> De acordo Vansina (1992: 63), “No começo do século XVI, a cidade de Zimbábue possuía talvez 10.000 habitantes”. Esse fato é relacionado com as migrações já destacadas, passando pelos criadores de animais aos problemas de ordem natural. Tal aglomeração acarretou na urbanização, que está relacionada a uma corrente populacional.

<sup>4</sup> É importante registrar que uma das primeiras expedições na África de que se tem registro, de acordo com a documentação apresentada por Alencastro (2000:30), são as seguintes: a dos portugueses que, já em 1482, tinham “intuito de procurar jazidas e feiras nativas onde se permutassem metais preciosos [...] como escreve o geógrafo renascentista Duarte Pacheco Pereira”, o que posteriormente inaugurou o trato negreiro marítimo em “mares” africanos.

de alguns países como, por exemplo, Portugal em ter maior controle político e comercial do tráfico humano dos autóctones – por meio do expansionismo e sagacidade – fazia com que se buscasse frutos no sistema geoeconômico entre os anos de 1500 a 1800. Essas atividades comerciais foram consideravelmente estendidas até aproximadamente 1900 pelas rotas comerciais. Esses sistemas econômicos estavam relacionados ao que Mignolo (2005: 73) chama de “colonialidade do poder” e este relacionado ao processo de colonização.

Em estudo a respeito da mobilidade populacional do continente africano, não podemos deixar de frisar que o escravismo foi um processo de exploração na estrutura social, política e cultural que deixou marcas profundas, sinais que talvez expliquem os demais problemas na estrutura política e econômica desse continente. Pode-se dizer que foi um sistema econômico depravado e cancerígeno. Como já destacado, uma das causas das correntes migratórias na África foi a fuga de africanos das costas para o interior do continente, fugindo dos navios negreiros no período do tráfico.

A respeito desse conjunto, o debate geopolítico muitas vezes não está presente no campo do ensino e é preciso que o professor considere a divisão entre a população, comércios e as políticas diferenciadas que influenciaram na prática da escravidão humana. Da mesma forma, temos o caso da comunicação entre líderes africanos e demais representantes brasileiros. Vansina (1992:56) ensina que um exemplo desse acontecimento foi a proximidade política de líderes africanos com o Brasil. Outro elemento que consideramos importante ser destacado diz respeito à influência no tráfico pela relação econômica da África Ocidental com a Oriental, e desta última com a Índia, fazendo parte dos diversos acordos com Portugal e a Inglaterra sobre o escravismo e o uso desse continente. Isso porque são diferentes as correntes teóricas e os teóricos que tratam do tema da escravidão como parte do sistema econômico europeu<sup>5</sup>, sendo então necessário filtrar e saber se posicionar ao levarmos esse debate para sala de aula.

### *Tempo e Espaço: Passado e Presente em Leitura*

O processo de ensino e aprendizagem da legitimidade do conhecimento escolar e acadêmico geográfico passou também pela chamada “colonialidade do saber” por meio do prisma de construção do universalismo europeu, que pregava entre suas propostas intervir contra os denominados bárbaros e selvagens das Américas e da África, tema esse discutido em profundidade em nossa tese (Ferracini, 2012). Contrapondo essa ideologia geográfica da superioridade, trazemos para o debate o geógrafo nigeriano Mabogunje (1982: 357), da Universidade de Ybadan, para o qual, na África, até 1650 existiam “Seus 100 milhões de habitantes representavam mais de 20% do total mundial. Elemento importante para essa discussão é que o crescimento populacional foi também a

---

<sup>5</sup> A respeito do assunto, existe uma gama de trabalhos na historiografia, como Karasch (2000), Caio Prado Júnior (1976), Rodrigues (1961). Dentre eles, destacamos o trabalho de Florentino (1997: 24-33), quando apresenta o tráfico de escravos dos séculos XVI e XIX para as Américas, em particular para os portos brasileiros.

maior segurança oferecida pelas entidades sociopolíticas melhor organizadas”. Tal população comercializava internamente com a Europa as plantações de amendoim, palmas, algodão, cana-de-açúcar, oliva, explorações de madeiras, especiarias, além de artigos do comércio urbano, sendo o oposto das teorias pregadas pelo universalismo europeu.

No desenvolvimento do ensino, os professores muitas vezes dividem o continente africano em partes, denominadas de regiões. Nessas partes, a África Oriental ou região setentrional, onde vivem populações como, em particular, os hamitas (autóctones do deserto do Saara), os berberes, os tubus, os tuaregues<sup>6</sup> e os fulas, que são pastores e agricultores dentre outros. No que se refere aos tuaregues, esses tiveram de mudar seus hábitos do nomadismo, buscar novos ares de sobrevivência, fugindo do tráfico humano. Tiveram, assim, de se adaptar às estações de cheias, de secas, às variações climáticas, às proximidades com os desertos, às reservas de alimento e, principalmente, ao acesso à água. Eles possuíam conhecimento das técnicas agrícolas, passando pela produção e coletas de alimentos, além de práticas de cultivo que tiveram forte influência na agricultura mundial, como demonstram os estudos realizados por Portères e Barrau (1982: 699). Nessa região, estão os rios Nilo e Níger, que determinam a fertilidade da terra e sua capacidade de preencher, por longos períodos, as exigências nutricionais da população. Não podemos deixar de fora a presença de um dos maiores índices pluviométricos do mundo, considerando que existem no sul dessa região os índices mais baixos, como o deserto do Saara e do Calaari. Sabendo das informações coloniais aqui recordadas, reforçamos a proposta de que se desenvolva em sala de aula uma leitura teórica diferenciada com relação ao ensino e aprendizagem do continente africano.

## *Por outra Geografia da População Africana*

São inúmeras as representações textuais e iconográficas das guerras e dos conflitos internos na história da humanidade, e não seria diferente no continente africano, com suas disputas pelo controle territorial ou dominação política de poder. Conflitos como esses passam por diversas ordens, entre as quais a valorização da terra, a disputa religiosa como a “guerra santa”, o acesso ao mar, pelas aristocracias rivais por reinos e reinados, disputas entre sultões pelas rotas comerciais, civis e militares. Por outro lado, a mesma mobilidade se vê no comércio, na busca de pontos estratégicos de venda e compra de materiais dos árabes com indianos e europeus. A rota comercial da colonialidade estava estabelecida nos pontos de grande concentração populacional, nos grandes centros urbanos, onde já havia comércio e a possibilidade de lucros. Outro dado importante sobre a movimentação populacional é o abandono do território por

---

<sup>6</sup> Esses são grupos nômades camelieiros, que, de acordo com Medeiros (1988:150), têm estruturas sociais “caracterizadas por uma divisão em classes de guerreiros, mestres religiosos, tributários, escravos e artesãos”. Estes são classificados em dois grupos humanos: os que habitam no Tassili no Ajjer no Norte Hoggar e os do Sul, os awellimiden e kel wi do Air, mestiçados com as populações negras haussa.

causas naturais, a busca da utilização da terra como sustento familiar, seja na pesca, pela criação de gado, caça ou nas diversas formas de agricultura.

No que se refere às negociações e antagonismos que podem ser vistos na presença europeia em solo africano, os africanistas Isaacman e Vansina (1985:192) escrevem que havia três elementos fundamentais nos movimentos de oposição colonial: “oposição ou confronto na tentativa de manter a soberania das sociedades autóctones; resistência localizada na tentativa de atenuar abusos específicos do regime colonial; e rebeliões destinadas a destruição do sistema estrangeiro que havia gerado tais abusos”.

Essa diversidade de estratégias nos movimentos de oposição aos europeus se deve às diferenças de estatuto político colonial na África, com suas colônias, protetorados ou domínios, associados a diferentes laços de colonização. Isso porque os métodos de ocupação pelos europeus eram distintos, da mesma forma que a resistência dos africanos em relação aos europeus também foi diferente na África Ocidental, Oriental, Central, Meridional e Setentrional. A Primeira Guerra Mundial, que teve como base os países europeus, envolveu diretamente o continente africano nos conflitos, apresentando alguns movimentos dessa iniciativa que se acentuaram. Outro fato importante foi o posicionamento político das Nações Unidas, que favoreceu o surgimento de congressos e debates políticos, em particular nos Estados Unidos, para o fim do colonialismo europeu.

É importante que se registre que as ocupações de controle territorial da África e as negociações entre as populações autóctones e europeias foram distintas. Em muitos casos, tais negociações aconteciam por intermédio dos chefes africanos, que buscavam acordos com os colonizadores europeus. Tiveram esse tipo de negociação as cidades moçambicanas de Quitangona, Chipitira, Chikunda, Humbe, além das cidades angolanas de Cacheu, Gamguela, Cuamato, Bié e Gambo.

Para manter o controle territorial, a principal arma utilizada pelo europeu era a língua, a educação, a cultura e os valores. Não contentes com a assimilação autóctone, os portugueses promulgaram o trabalho forçado entre homens e mulheres grávidas. Exemplo disso pode ser constatado nos estudos de Davidson (1985: 817), em que o autor nos mostra que os habitantes de Angola foram divididos em dois grupos: “Os membros da pequena minoria capaz de ler e escrever o português, que haviam rejeitado os ‘costumes tribais’ e estavam vantajosamente empregados nos setores capitalistas, podiam ser classificados como ‘assimilados’ ou ‘não indígenas’”. Nesse sentido, era impossível que os autóctones como um todo tivessem acesso aos direitos básicos, até porque um mesmo Estado abrigava populações com línguas e costumes diferenciados. Assim ocorria o controle das formas simbólicas, a exclusão do que era oposto, diferente, desde elementos de ordem econômica até os de ordem religiosa.

Por sua vez, os movimentos de resistência fizeram parte de uma mobilidade populacional que veio tomando força e crescendo em sua luta de representatividade<sup>7</sup>. Foram diversas as formas de organização, passando

---

<sup>7</sup> De acordo com Carlos Serrano (1982: 22), professor angolano radicado no Brasil, o governador de Angola Eduardo Augusto Ferreira da Costa publicou em 1906 um questionário para averiguar

pelos populares tradicionais como nos meios rurais e urbanos, os populares que buscavam manter a consciência social na busca da descolonização, os chamados banditismo social, que buscavam defender de todo modo a família, as plantações, as populações e a comunidade em geral. Também existiram levantes nas cidades, nas montanhas e nos desertos, tanto através das rotas comerciais quanto das estruturas das organizações da África. Por outro lado, Wallerstein (1989: 45) escreve que não é falso dizer que uma boa parte, “se não a maioria dos sistemas africanos, ‘adaptou-se’ às novas exigências. Alguns simplesmente desapareceram em função disso, e quase todos acabaram sendo submetidos ao regime colonial”. Nesse caso, podemos falar das lutas passivas ou negociadas, que são grupos que buscavam de alguma forma sobreviver ao sistema colonial e tinham como objetivos eram negociar suas tradições e patrimônio. Quando os africanos se opuseram a isso ferozmente, foram chamados de “primitivos revoltados”.

A base do movimento oposicionista africano era a luta contra a política colonialista em prol do retorno da soberania africana. Um exemplo a respeito desse fato em perspectiva africana está presente na coletânea de oito volumes de História Geral da África – HGA –, organizada pela Unesco e traduzida para o português em 2010. Para maiores reflexões a respeito do tema da população africana diante dos colonizadores, citamos o sétimo volume, organizado pelo ganhês Boahen. Em seus capítulos três ao décimo, em particular, traz debates a respeito das organizações africanas em face da partilha da África, seja no território ocidental, oriental, meridional, central, no Saara, na Ilha de Madagascar, norte, nordeste as diferentes reações africanas diante dos grupos coloniais. Como registrado, as organizações eram diversas, passando pelas populações rurais, as que atuavam no campo e nas cidades, entre as quais os comerciantes de produtos agrícolas, trabalhadores urbanos, portuários, escravos libertos, repatriados e seus descendentes.

## *À guisa de conclusão*

No que se refere aos estudos e às pesquisas sobre o continente africano dos últimos anos, encontros e publicações<sup>8</sup> têm imprimido um ritmo estimulante para aqueles que se interessam pelo seu passado, presente e as possíveis

---

a população nos seguintes aspectos: “povos em geral, governo político, organização guerreira, direitos civis, julgamento de crimes e delitos, recursos econômicos, principais cerimônias, crenças e superstições, usos e linguagens”. As perguntas referentes a “usos e costumes” eram para avaliar se os angolanos já estavam “assimilados”, ou seja, próximos aos padrões da “civilização”. Se não se constatasse essa assimilação, eles seriam vistos como inferiores e indígenas. Sabemos que as organizações civis não tiveram grandes êxitos. Elas foram sufocadas pelos exércitos portugueses.

<sup>8</sup> Desde os anos 1960, acontecem encontros e congressos sobre as mais diversas temáticas e investigações sobre a África. Porém, nos últimos vinte anos, esses eventos atingiram uma dimensão significativa, contando com um grande número de participantes e de pesquisas divulgados. Podemos citar alguns, como o West African Research Association (WARA), no Senegal e nos Estados Unidos; o Women in Africa and African Diaspora (WARD), nos Estados Unidos; no Brasil o CEA – Centro de Estudos Africano, na Universidade de São Paulo, o Centro de Estudos Afro-Orientais na Universidade Federal da Bahia (CEAO) e o Centro de Estudos do Caribe no Brasil (CECAB), na Universidade Federal de Goiás, entre outros que vêm construindo suas pesquisas com a temática da África.



perspectivas relacionadas à África. Com algumas particularidades, os Centros de Estudos trazem à tona, para as Ciências Sociais, os temas relacionados às questões socioeconômicas dos países, a diversidade religiosa, a formação das estruturas políticas internas, as relações sociais dos diferentes povos, a diversidade ambiental ligada ao crescimento e desenvolvimento, as causas e consequências das correntes migratórias, as redes hidrográficas (lençóis, rios e demais regimes fluviais) das diferentes regiões biogeográficas (paisagens e solo), a utilização dos recursos minerais e vegetais, a riqueza das línguas e seus dialetos, entre outros temas de pesquisas que podem ser trabalhados em sala de aula pela Geografia e demais humanidades. Enfim, a contemporaneidade reafirma a necessidade de um aprofundamento teórico e metodológico no ensino geográfico para com esse continente e sua população a fim de que não caiamos nas antigas armadilhas enviesadas.

## *Referências*

Alencastro, L. (2000). *O Trato dos Videntes: formação do Brasil no Atlântico Sul*. São Paulo: Cia. das Letras.

Barbosa, W. (2002). *Cultura negra e dominação*. São Leopoldo: Ed. Unisinos.

Barrau, J. Portéres, R. (1982). Origens, desenvolvimento e expansão das técnicas agrícolas. In: KI-ZERBO Joseph (Org.) *História Geral da África I: metodologia e pré-história da África*. São Paulo: Ática/Paris: Unesco, v. 1.

Diop, M. (1993). A África tropical e a África equatorial sob domínio francês, espanhol e português. In: MAZRUI, Ali A.; WONDJI, Christophe (Ed.). *História geral da África, VIII: África desde 1935*. Brasília: Unesco.

Djait., H. (1982). As fontes escritas anteriores ao século XV. In: KI-ZERBO Joseph (Org.) *História Geral da África: metodologia e pré-história da África*, vol. I. São Paulo: Ática/ Paris: Unesco.

Davidson, A. (1985). Política e nacionalismo nas Áfricas central e meridional, 1919-1935. In: BOAHEN, A. Adu (Org.) *História Geral da África VII: A África sob dominação colonial, 1880-1935*. São Paulo: Ática/ Unesco.

Fage, J. (1982). A evolução da historiografia africana. In: KI-ZERBO, Joseph (Org.) *História Geral da África: metodologia e pré-história da África*. São Paulo: Ática/ Paris: Unesco, v. I.

Isaacman, A; Vansina, J. (1985). Iniciativas e resistência africanas na África Central, 1880-1914. In: BOAHEN, A. Adu. (Org.) *História Geral da África VII: A África sob dominação colonial, 1880-1935*. São Paulo: Ática/Unesco.

Fage, J. (1982). A evolução da historiografia africana. In: KI-ZERBO, Joseph (Org.) *História Geral da África: metodologia e pré-história da África*. São Paulo: Ática/ Paris: Unesco, 1982, v. I.

Ferracini, R. (2010). A África nos livros didáticos de geografia de 1890 a 2004. *Revista Geografia e Pesquisa*, Unesp, Ourinhos, v. 4, n. 2.

Ferracini, R. (2012). “Dialogando Geografia Acadêmica e Geografia Escolar: o caso do Continente Africano.” In: *Revista GeoTextos* – Revista da Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia, n. 2, v. 8, no prelo.

Ferracini, R; Bokolo, E. (2012). *África Negra: história e civilizações. Tomo II (Do século XIX aos nossos dias)*. Tradução de Manuel Resende, revisada por Daniela Moreau, Valdemir Zamparoni e Bruno Pessoti. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 20. GEOUSP: espaço e tempo, v. 1.

Florentino, M. (1997). *Em costas negras: uma história do tráfico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro: séculos XVIII e XIX*. São Paulo: Companhia das Letras.

Karasch, M. (2000). *A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)*. São Paulo: Companhia das Letras.

Mabogunje, A. (1982). Geografia histórica: aspectos econômicos. In: KI-ZERBO Joseph (Org.) *História Geral da África I: metodologia e pré-história da África*.

São Paulo: Ática/ Paris: Unesco, v. 1.

M'bokolo, E. (2011). *África Negra: história e civilizações. Tomo II (Do século XIX aos nossos dias)*. Tradução de Manuel Resende, revisada academicamente por Daniela Moreau, Valdemir Zamparoni e Bruno Pessoti. Salvador: EDUFBA/ São

Paulo: Casa das Áfricas.

Medeiros, F. (1988). Os povos do Sudão: movimentos populacionais. In: FASI, Mohammed El. (Ed.) *História geral da África, III: África do século VII ao XI*. São Paulo: Ática/ Paris: Unesco.

Prado, J. (1976). *História econômica do Brasil*. 37° ed. São Paulo: Brasiliense, 1976.

Rodrigues, J. (1961). *Brasil e África: outro horizonte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 1 e 2.

Serrano, C. (1992). *Angola: nasce uma nação: um estudo sobre a construção da identidade nacional*. São Paulo. Tese (Doutorado) – FFLCH/USP, 1988.

Vansina, J. Os movimentos populacionais e a emergência de novas formas sociopolíticas na África. In: OGOT, Bethwell Allan (Ed.) *História geral da África, V: África do século XVI ao XVIII*. São Paulo: Ática, Unesco.

Wallerstein, I. (1989). A África e a economia-mundo. In: AJAY, J. F. Ade.

(Org.) *História Geral da África VI: África do século XIX à década de 1880*. São Paulo: Ática/ Unesco, 1989.